



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O PATRIARCADO NA CONTEMPORANEIDADE: ENCONTROS E DESENCONTOS ENTRE PSICANÁLISE E TEORIA DE GÊNERO

Nadia Regina Loureiro de Barros Lima

Universidade Federal de Alagoas; nadiarlbl@gmail.com

Resumo: Uma das marcas particulares do momento histórico atual é a presença de mudanças rápidas em todas as direções do convívio humano, porém algumas marcas do passado continuam ainda presentes. Uma dessas marcas é a presença do sistema patriarcal que, embora assumindo roupagens diversas, vem atravessando a história da humanidade até a contemporaneidade. Nosso interesse por essa temática parte de um desejo de apreender como o patriarcado vem se perpetuando na história da humanidade. Embora para algumas perspectivas teóricas ele esteja em declínio, para outras continua presente nos dias atuais. Considerando que tanto a Psicanálise, quanto a Teoria de Gênero, como campos de saberes, têm seus olhares direcionados para traços do relacionamento humano, questionamos os pontos de encontro/desencontro entre estes campos, no tocante às relações de gênero e seus desdobramentos na vida cotidiana, particularmente na vida das mulheres, no que se refere à participação nas ciências exatas, na incidência da violência doméstica, entre outros aspectos. Para a busca de pistas que respondam a esta questão, pretendemos que a reflexão seja guiada pelo dispositivo teórico-metodológico da Teoria da Análise do Discurso, filiada à Escola Francesa de Michel Pêcheux, numa visão transdisciplinar, construída por uma pluralidade de campos de saberes – Psicanálise, Materialismo Histórico, Linguística e Teoria de Gênero.

Palavras-chave: Patriarcado, Gênero, Psicanálise, Análise do Discurso.

INTRODUÇÃO

A busca de apreensão da presença do sistema patriarcal desde o passado histórico à contemporaneidade, bem como de suas repercussões sociais de modo explícito ou *silencioso* na vida de homens e mulheres, justifica a elaboração do presente artigo. Para além do âmbito geral, recortamos particularmente a análise do *funcionamento discursivo* dos sujeitos – psicanalistas e feministas – por supormos que, para cada um deles, o patriarcado produz *efeitos de sentido* específicos, tendo em vista a *Forma-sujeito* de cada um, ou seja, o lugar de onde cada um

fala. A escolha desses sujeitos se justifica, entre outras razões, por ambos se preocuparem com a construção da subjetividade humana.

Que efeitos de sentido o discurso patriarcal produz em psicanalistas que fundamentam sua construção teórico-prática na Formação Discursiva (FD) Psicanalítica? E em feministas, sujeitos discursivos que, através da História, vêm ocupando a posição sujeito do gênero feminino subordinado?

Considerando a posição do patriarcado – *Formação ideológica* (FI) que vem



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

atravessando a História, sobrevivendo até os dias atuais e produzindo efeitos de sentido nos sujeitos masculino e feminino –, entendemos que a relevância dessa reflexão consiste, entre outros resultados, na possibilidade de: identificar as fontes ideológicas que produzem efeitos de sentido nos sujeitos discursivos; contribuir para a produção de um conhecimento relativo ao funcionamento discursivo sobre o patriarcado na contemporaneidade para os campos dos saberes psicanalítico e da Teoria de Gênero; possibilitar um espaço de interlocução entre estes dois campos de saberes, seja na discussão teórica, seja na ação social em suas práticas profissionais.

Para que tais resultados sejam alcançados, adotamos o dispositivo teórico-metodológico da Teoria da Análise do Discurso (Teoria da AD), enquanto uma disciplina transdisciplinar e de *entremeio*.

Nessa busca de apreensão da presença do sistema patriarcal na história da humanidade, iniciamos por questionar: em que consiste o patriarcado?

No sentido literal, o patriarcado consiste num “regime social em que o pai exerce autoridade preponderante” (FERREIRA, A. B. de Holanda, 1975:1047), significando, pois, o governo dos pais; sociologicamente, de acordo com Ferreira (1975:1047), patriarcal

“diz-se de um tipo ou forma de família que se desenvolveu em certas épocas, como, por ex., na Antiguidade Clássica, e em que o chefe de família ou patriarca, duma autoridade absoluta, resumia toda a instituição social do tempo”.

Considerando o dispositivo teórico-metodológico da Teoria da AD, que nos guia nesta reflexão, o sistema patriarcal implica a presença de forças em conflito materializadas na relação de desigualdade social estabelecida através da História entre o masculino e o feminino: a isso se denomina FId Patriarcal. O delineamento dessas questões requer que situemos pontos básicos da Teoria da AD e como os conceitos de *ideologia* e *inconsciente* produzem efeitos de sentido nas práticas discursivas dos sujeitos psicanalistas e feministas na contemporaneidade, o que resulta numa breve revisão de literatura nos campos de saberes: Teoria da AD, Psicanálise, Materialismo Histórico e Teoria de Gênero.

METODOLOGIA

Teoria da Análise do Discurso, uma disciplina de *entremeio*



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Para efeito desta reflexão, e seguindo os passos da Teoria da AD¹, esta se interessa não por uma demonstração, mas em saber como um *Discurso* funciona produzindo “(efeitos de) sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2001, p. 21), palavra em movimento, movimento de sentidos. Isso significa buscar para onde esses sentidos apontam, a partir da posição ocupada pelos sujeitos enunciantes (Formas-sujeitos) – psicanalistas e feministas –, bem como as imagens projetadas resultantes dessa posição.

Ao se buscar apreender o *funcionamento discursivo*, os sujeitos em pauta são, nas palavras de Henry (1992, p. 188), “ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente, e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem”. Isso também aponta para a condição de assujeitamento presente no processo de construção subjetiva, de caráter paradoxal (processo ilusório), sustentado, nas palavras de Pêcheux (1993), por um “teatro de consciência”, apagando ou fazendo esquecer o processo constitutivo de sua entrada no

¹ A Teoria da AD conta em seu ato fundador com um artigo do estruturalista americano Z. Harris (1952), que cunhou o termo. Na década de 60, em Paris, Michel Pêcheux elaborou uma teoria da linguagem intrinsecamente articulada com o Materialismo Histórico (a partir da releitura de Althusser), a Linguística de Saussure e a Teoria do Discurso, atravessada pela Psicanálise lacaniana. Por esse seu caráter transdisciplinar, caracteriza-se como uma disciplina de *entremeio*.

universo simbólico. O processo de constituição subjetiva, portanto, sustenta-se nos pilares da ideologia e do desejo, ambos marcados por mecanismos inconscientes: sujeito e sentido se constituem mutuamente; este sentido não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas presentes no processo histórico em que as palavras são produzidas.

Explicitando o procedimento desse dispositivo, Orlandi (1996) estabelece as coordenadas de apreensão do funcionamento discursivo, destacando a articulação deste com as FDs e as FIDs. As FDs consistem em espaços de significação que, para Pêcheux (1988, p. 160), “determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição [ideológica] dada numa conjuntura”. Já as FIDs consistem em forças em confronto com outras forças situadas em uma dada formação social. Conforme Pêcheux; Fuchs (1993, p. 166), “Cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito”.

Em nossa reflexão, as forças em conflito estão materializadas na relação de desigualdade



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

social estabelecida através da História entre os sujeitos antagônicos – o masculino e o feminino/ relação de gênero – pela atuação da FId Patriarcal; nesta, os mecanismos ideológicos agem reforçando relações de dominação e contribuindo para que percebam o mundo social de modo invertido, como dizem Marx e Engels (s/d, p. 25-26): “tal como numa câmara escura (...)”. De que modo o funcionamento da instância ideológica patriarcal funciona reproduzindo o assujeitamento de sujeitos?

Patriarcado, Teoria de Gênero e Psicanálise

Para a Teoria de Gênero, o patriarcado consiste na hegemonia masculina. Como bem afirma Puleo (1995, p. 22), “en las sociedades antiguas y modernas [...] situación de dominación y [...] exploración”. Desde os anos 70 do século XX, a Teoria de Gênero vem contribuindo para a ressignificação conceitual de patriarcado, e a relação deste com o capitalismo constitui um eixo básico de análise para a apreensão das condições históricas das relações de gênero e do funcionamento discursivo sobre o patriarcado hoje, para sujeitos psicanalistas e feministas.

Em que consiste a relação de gênero?

Entende-se por gênero uma categoria de análise que busca apreender como as relações de dominação entre homens e mulheres são socialmente construídas e, na dinâmica sócio-histórica, encontra-se intrinsecamente entrelaçada às demais formas de dominação – classe, raça, entre outras –, reforçando-as e reproduzindo-as.

Historicamente, o ponto de partida da concepção de gênero ocorreu por volta dos meados da década de 50 do século XX, quando John Money (1955) propôs o termo *gender role* para descrever o conjunto de condutas atribuídas aos homens e às mulheres. Seus estudos pioneiros sobre hermafroditismo o levaram a inferir a necessária distinção entre sexo e gênero. O passo fundamental para a diferenciação de gênero seria a autodesignação pela criança, como sendo do sexo feminino ou masculino, de acordo com a atribuição social em torno dos 18 meses, estando completa aos quatro anos e meio. Mais tarde, Robert Stoller, no livro *Sex and Gender* (1968), estabelece com mais nitidez a diferença conceptual entre sexo (qualidade de fêmea e macho) e gênero (feminino e masculino)².

² A perspectiva desconstrutivista de J. Butler, uma das referências do movimento *queer*, propõe a teoria do transgênero, que ultrapassa o binarismo homem-mulher.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A dinamicidade da relação de gênero, no que concerne aos efeitos sociais e políticos, pode ser apreendida a partir de sua conceituação, que, para Scott (1995), é constituída por duas proposições fundamentais: gênero como elemento constitutivo de relações sociais – simbolismo de gênero, estrutura de gênero, identidade de gênero – fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos; gênero como primeiro modo de dar significado às relações de poder.

Entre as teóricas que vêm trabalhando a relação de gênero e patriarcado, destacamos Patman em sua obra *Contrato Sexual* (1988), onde o patriarcado é identificado como um contrato sexual, atuante no âmbito privado, mas com desdobramentos para o espaço público. Isso permite que se constate a atuação da estrutura patriarcal do capitalismo e de toda a sociedade civil, donde os desdobramentos de estruturas patriarcais de pensamento. Para essa autora, a “lei do pai” e a “lei do marido” vêm garantindo a perpetuação de uma história de liberdade para os homens e de submissão para as mulheres. Os desdobramentos para a questão de gênero se fazem presentes no âmbito dos direitos, configurando uma relação hierárquica e, portanto, de poder. Sua base material se sustenta na desigualdade estabelecida na relação com a “lei do pai”. Historicamente, o sentido desse termo está associado a uma

espécie de pacto masculino para garantir a opressão das mulheres.

Em relação ao patriarcado, como o Materialismo Histórico apreende seu surgimento na História e sua permanência na contemporaneidade?

Em sua obra de 1884, *História da família, da propriedade privada e do Estado* (1978), Engels associa a propriedade privada dos meios de produção com a origem da família patriarcal, cabendo à figura paterna o exercício da autoridade máxima: a descendência é patrilinear e a mulher, um ser subordinado com lugar estabelecido na reprodução. O fator determinante da história é a produção e a reprodução da vida imediata, e o declínio da condição feminina está associado à acumulação de riquezas e à garantia da herança. A mulher foi o primeiro escravo no mundo civilizado e as mulheres constituíram o primeiro grupo oprimido. Assim sendo, patriarcado e História escrita são irmãos gêmeos. Convém esclarecer que essa visão sobre a existência do matriarcado vem sendo questionada por algumas perspectivas teóricas³.

³ Entre algumas dessas perspectivas, a de Françoise D' Eaubonne (1977, p. 7) afirma que “o erro de Bachofen foi ter confundido as sociedades matrilineares com o matriarcado, erro que pesa ainda consideravelmente na concepção histórica da evolução humana”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

E para a Psicanálise, como vem sendo apreendido o patriarcado ontem e hoje?

Desde meados do século XVIII, com o desenvolvimento do processo de industrialização, a estrutura familiar vem passando por transformações no seu núcleo básico, chegando aos dias atuais com uma estrutura em que a figura de autoridade do *pater familias* já não exerce aquela posição de mando própria do patriarcado clássico. Essa transformação da estrutura familiar vem sendo apreendida pelos campos de saberes de modo diverso; alguns teóricos entendem tal transformação como um sinal da queda do patriarcado, como Jeruzalinski (2013) – *O Declínio do Império Patriarcal* – e Xavier (1998) – *Declínio do Patriarcado*. Já outros, embora reconhecendo a crise do patriarcalismo, não entendem que ele esteja em declínio, como Castells (1999, p. 278), ao afirmar que este “dá sinais no mundo inteiro de que está vivo e passando bem”.

Entre as obras psicanalíticas clássicas que abordam esse tema, merece destaque a de Freud – *Totem e Tabu* (1913) –, uma referência primordial: o pai na horda primitiva e seu assassinato pelos filhos, sequenciado pelo sentimento de culpa e pela instituição do totem, como representante do pai e a instituição da lei, pela via do tabu do incesto. Na contemporaneidade, a questão do

“declínio da função paterna” está em evidência na discussão sobre o patriarcado, questão esta já presente na obra de Lacan (1964).

Na visão lacaniana, o *simbólico* ocupa posição crucial e, em razão disso, entende-se por que Lacan afirma que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (1990, p. 25), dando conta da estrutura do sujeito do inconsciente; este, longe da regência do pensamento racional cartesiano – *Penso, logo existo* –, é regido pelo não pensar, conforme afirma Lacan (1990, p. 521): “(...) penso onde não sou, logo sou onde não penso (...)”.

Nessa interconexão de saberes – Teoria da AD, Materialismo Histórico e Psicanálise – em busca de apreender o patriarcado na contemporaneidade, merece destaque a concepção do simbólico: se para o Materialismo Histórico é marcado pela mudança de acordo com os modos de produção, já para a concepção estruturalista o simbólico tem uma conotação universal. O sentido *histórico de estrutura* permite entender o processo de mudança nas posições de sujeito, ao contrário de uma visão rigorosamente estruturalista em que, como afirma Kehl (1998), corre-se o risco de aprisionamento essencialista, seja de ordem biológica – “anatomia é destino” –, seja de ordem linguística – “linguagem é destino”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discutindo encontros e desencontros: Patriarcado, Gênero e Psicanálise

Percebe-se, portanto, que no palco da contemporaneidade, no que se refere ao patriarcado, vozes ressoam de modo diverso, ora se encontrando, ora se desencontrando. Em seu texto *Ontogênese e filogênese: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra as mulheres*, Saffioti (1992) discute a questão da polissemia conceitual do conceito de gênero, identifica a limitação do dualismo e sugere, como possibilidade de superação, a perspectiva ontológica da Lógica da Particularidade de Lukács, que dá conta da unidade das três esferas ontológicas: inorgânica, orgânica e social. Trazendo essa noção de unidade para a análise do poder na sociedade, Saffioti menciona os “nós das três subestruturas” – gênero, classe, raça –, que correspondem a patriarcado, capitalismo e racismo. Com essa visão de unidade, ter-se-ia a relação intrínseca entre gênero – patriarcado; sexo – gênero; dominação – exploração; eu – outro, entre outras conexões.

Se, para Engels, o patriarcado é apreendido como o responsável pela desaparecimento do sistema matriarcal, o que significou a primeira derrota histórica das mulheres, na Psicanálise

a referência de implantação da civilização patriarcal é a obra de Freud *Totem e Tabu* (1913), assinalada por dois eventos: o banquete totêmico e o Complexo de Édipo (Sófocles), um mito patriarcal que marca a entrada do ser humano na cultura, com a proibição exogâmica do incesto, o papel do pai, a troca de mulheres: “Com a introdução das divindades paternas, uma sociedade sem pai gradualmente transformou-se numa sociedade organizada em base patriarcal” (1913, p. 178). A história da humanidade é determinada, portanto, por um fator: o assassinato do pai primevo na pré-história. Assim sendo, o pai morto é a marca do patriarcado. Conforme Mitchel (1979, p. 400), “o inconsciente, e com ele a maneira pela qual os homens vivem a sua humanidade, são, como diz Freud, ‘eternos’, e ao mesmo tempo constituídos pelas experiências acidentais e individuais do sujeito e por sua cultura social particular”.

Eis, nesse reconhecimento – patriarcado e derrota histórica da mulher – um ponto de encontro entre a construção teórica de Engels e Freud. E como se desencontram? Para Engels, essa é uma condição histórica, enquanto, para Freud, o inconsciente e o modo como os humanos vivem sua humanidade são marcados pelo traço do “eterno”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Na Psicanálise, dois aspectos se fazem presentes hoje na discussão sobre o patriarcado: um primeiro, como já vimos anteriormente, se refere à queda do poder patriarcal, como afirma Jaques-Alain Miller (2013): “Estamos em fase de saída da Era do Pai... Outro discurso está em via de suplantar o antigo. A inovação no lugar da tradição. Em vez da hierarquia, a rede (...) O feminino prevalece sobre o viril (...)”. Um segundo aspecto diz respeito à queda do falocentrismo⁴. Essa “Saída da Era do Pai...”, porém, não necessariamente significa a queda do falocentrismo porque, de acordo com a análise psicanalítica de Brousse (2018), não se trata da queda do falo e sim do patriarcado, pois o que ocorre na contemporaneidade é muito mais uma batalha pela repartição do poder fálico entre homens e mulheres. O patriarcado em declínio corresponde, pois, aos valores tradicionais e à posição em queda de algumas figuras outrora no exercício do poder – Deus, Pai, Chefe. Já o falocentrismo não estaria em declínio, e isso porque, hoje, homens e mulheres estão em condição de igualdade no uso da fala (poder fálico).

⁴ Não se trata de um conceito psicanalítico, sendo proveniente de uma crítica à hegemonia masculina na Psicanálise: é derivada de *Phallus*, que, na Antiguidade greco-latina, correspondia à representação figurada do órgão sexual masculino. Na Psicanálise, é mencionado por Freud – primado do falo – e no sentido adjetivado (função fálica, fase fálica); e, em Lacan, tornou-se um conceito fundamental, ocupando lugar central na teoria psicanalítica, pois o falo é um significante, poder da fala.

Discordando dessa postura, a Teoria de Gênero afirma que o patriarcado não está em declínio, nem muito menos o falo, e isto porque, seguindo a leitura de Pateman (1988), se a “lei do pai” se acha em queda, o mesmo não parece estar acontecendo com a “lei do marido”. É evidente que o *pater familias* não ocupa mais hoje o lugar que ocupava em tempos passados e, obviamente, a *função paterna* está em mudança. Porém, se o patriarcado está em declínio, caberia a questão: será que estamos também em fase de saída da “lei do marido”? De acordo com dados sociais, isso não vem acontecendo, visto que o marido, na sua relação com a esposa, continua dominante.

O que a FD Psicanálise argumenta é que nada falta às mulheres, porque falam e estão tão falocêntricas quanto os homens, inseridas numa batalha pela repartição do poder fálico de falar. Todavia, a Teoria de Gênero questiona: como então explicar o feminicídio e outras formas de desigualdade de gênero na contemporaneidade, como, por exemplo, a reduzida presença das mulheres nas ciências em relação aos homens: *por que tão poucas?*

De acordo com pesquisa realizada sobre mulheres que ganharam o Prêmio Nobel – nove mulheres diante de mais de trezentos homens –, McGraine (1994) questiona: “*por que tão poucas?*”. Em seguida, ao constatar



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

as dificuldades que enfrentaram e a importância de suas descobertas, acrescenta: “*Por que tantas?*”, pois “(...) Nunca tão poucas contribuíram tanto em circunstâncias tão adversas” (1994, p. 18). Em *Quando as meninas não contam: gênero e ensino da matemática* (2013), constata-se que a presença das mulheres continua reduzida, bem como a existência de mecanismos ideológicos obstaculizando o interesse das meninas pela matemática, seja de modo explícito, seja pela via do *silenciamento discursivo*. Esse fato também é reconhecido por Instituições Educacionais, como o CNPq e o MCTIC, com a Chamada (2018) “Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação”.

Diante do exposto, que aponta para a posição da mulher na contemporaneidade, trazemos para análise textos que nos possibilitem a análise do funcionamento discursivo da Teoria de Gênero e da Psicanálise sobre o patriarcado. Trata-se do tema da violência às mulheres, particularmente a violência doméstica. De que modo as FDs da Teoria de Gênero e da Psicanálise apreendem esse fenômeno?

Vejamos inicialmente o texto – artigo 1º da Lei Maria da Penha (Lei 11.340, 22/9/2006) – e, em seguida, o funcionamento discursivo da Teoria de Gênero:

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir a prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

De acordo com o texto acima, evidencia-se a situação de violência vivenciada pela mulher e se buscam para esta, no campo jurídico, medidas de segurança e proteção, bem como de punição para o agressor. A violência contra as mulheres é um fenômeno mundial. De acordo com Sarmiento e Cavalcanti (2009), em se tratando de violência doméstica, dados da OMS informam que 70% dos assassinatos de mulheres no mundo foram realizados por homens com quem elas mantinham algum tipo de relacionamento amoroso. Dados do “Ligue 180”, no Brasil, apontam que tem crescido o número de denúncias/violência contra a mulher. Apenas no primeiro semestre de 2018, foram registradas mais de 72 mil



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

denúncias⁵: 37,3% relatos de homicídio e 16,9% de violência sexual.

No que se refere à realidade alagoana, atentemos para as notícias veiculadas pelos órgãos estatais: “Violência doméstica fez 2.829 vítimas este ano em Alagoas (SSP, 1/8/2018)⁶; “Quase 600 mulheres denunciaram ameaça este ano em Maceió”⁷; “Alagoas tem pior desempenho na aplicação da Lei Maria da Penha. Foram apenas 48 medidas protetivas concedidas em 2017 e nenhuma em 2016”⁸. Portanto, a análise discursiva dos textos – artigo 1º da LMP e notícias veiculadas sobre a condição das mulheres alagoanas –, de acordo com a FD da Teoria de Gênero, constata-se que a Forma-sujeito fala do lugar feminino, reconhecendo a posição subordinada/ameaçada da mulher pelo poder patriarcal, ao ponto de ser necessário um dispositivo jurídico/LMP para assegurar a proteção das mulheres.

Do ponto de vista discursivo da Psicanálise, como o fenômeno social violência à mulher é apreendido?

O texto que servirá de base à análise dos efeitos de sentido produzidos pela FID Patriarcal na FD Psicanalítica será o informe do Observatório sobre a pesquisa realizada “A

⁵

⁶ <https://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2018/08>

⁷ <http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2018/07/>

⁸ <http://www.diariodopoder.com.br/>

Violência e as Mulheres na América Latina” (abril, 2016), pela FAPOL⁹. Nesse texto, o informe se estrutura a partir de três aspectos: violência de gênero, a questão da vítima, a ação lacaniana. Vejamos, a seguir, o que informa o texto sobre esses aspectos especificamente e, em seguida, situemos a Forma-sujeito.

Em relação à “violência de gênero”, que serve de base às políticas dirigidas à proteção das mulheres, a leitura psicanalítica afirma que “a mulher sustenta uma forma particular de gozar ameaçadora à identidade do homem, provocando sua violência”. De acordo com essa leitura, considerando as formas de gozo¹⁰, questiona-se “se existe a violência de gênero, cuja classificação transforma juridicamente um homicídio em feminicídio (...)”. Argumenta que as designações de gênero não esclarecem a segregação e que a expansão das identificações tem gerado mais segregação, ou seja, “Nomear o crime de feminicídio ajuda, portanto, a destacar o

⁹ www.observatorioviolencia.com.br.

<http://observatorioviolencia.com.br/>

¹⁰ Na Psicanálise, esse termo foi introduzido por Lacan e aponta para a questão da satisfação/sexualidade, caracterizando-se por não corresponder ao prazer, ser atravessado pela linguagem na sua relação com o desejo/“falasser”. Como afirma Chemama (1995, p. 91), corresponde ao “*inter-dito*”, ou seja, é feito do próprio tecido da linguagem, em que o desejo encontra seu impacto e suas regras. Há uma diferença entre o gozo masculino/Gozo Fállico e o Gozo feminino/Gozo do Outro, ou seja, é *não-toda* no gozo fállico.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

problema, criando recursos para a sua criminalização e políticas públicas de assistência diante da sua insistência contemporânea”. Assim sendo, “os caminhos ideológicos e legislativos, ao analisarem o fenômeno, acabam por desenhar a figura do homem como violento, sem levar em conta a estrutura que o provoca na raiz da violência”. Enfim, conclui argumentando ser necessário se examinar objetivos e consequências dessa legislação que estende “o espectro da violência sobre a mulher (...) a todo tipo de discriminação, porque são leis que supõem a mulher vítima, débil e discriminada”.

Sobre “a questão da vítima”, a posição da mulher é amparada pelos discursos de vitimização nas instituições jurídicas, de assistência social e saúde mental, que acabam por produzir como efeito impedir “uma responsabilização subjetiva que possa modificar a reincidência da violência nas parcerias”. Enfim, sobre a “ação lacaniana”, o texto questiona a possível contribuição psicanalítica diante dos “sintagmas da época” – violência de gênero, feminicídio, empoderamento –, destaca a responsabilidade do sujeito como ser humano – o que desmancha o par vítima x vitimador – e a necessidade de atender à singularidade do sujeito através do sintoma, gozo do inconsciente.

Diante do exposto no texto, ao se buscar identificar a Forma-sujeito, observa-se que o sujeito discursivo psicanalista não reconhece a violência de gênero, tendo em vista que: o gozo feminino atua como ameaçador à identidade do homem, vindo a provocar a violência deste; a violência é fortalecida pelo uso do nome feminicídio pelas instituições, amparando as mulheres num discurso de vitimização; desconhece o princípio da responsabilização (elimina o par vítima x vitimador). O efeito produzido é o da não responsabilização subjetiva das mulheres, contribuindo para a reincidência de atos violentos nas parcerias.

CONCLUSÕES

Gênero e Psicanálise: em busca da interlocução ante o patriarcado

No decorrer desta reflexão sobre “O patriarcado na contemporaneidade: encontros e desencontros entre Teoria de Gênero e Psicanálise”, e tomando como referência acontecimentos que envolvem relações de gênero, consideramos a existência de pontos de encontro e desencontro. Um ponto fundamental de encontro é a presença do simbólico em ambas as FDs, na constituição da subjetividade masculina e feminina. No tocante ao desencontro, destacamos a concepção de Estrutura: enquanto na FD



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Psicanalítica do texto, a ênfase está no processo de sexuação e em todos os demais processos daí decorrentes, na FD Teoria de gênero enfatiza-se a relação de poder patriarcal de gênero. Esse desencontro é identificado nos textos relativos à violência à mulher: se para o sujeito discursivo psicanalista não há violência de gênero, para o sujeito discursivo da Teoria de Gênero, a violência de gênero existe e deve ser combatida, visando proteger as mulheres e punir os homens agressores.

Apesar desse modo particular de cada FD apreender a questão de gênero, é possível vislumbrar/construir um espaço de interlocução considerando os seguintes aspectos: do ponto de vista ontológico, e seguindo a proposta de Saffioti (1992), buscar uma visão de unidade na análise: ao invés de separar dualisticamente, buscar a unidade das esferas ontológicas – orgânica e social. Um segundo aspecto seria atentar para o lugar do simbólico e das práticas falantes no processo de subjetivação, desencadeadoras de mudanças através da fala. As formações de linguagem precedem os humanos e os inscrevem em posições na ordem simbólica desde o nascimento, pois, como assevera Kehl (1998, p. 11): “‘homem’ e ‘mulher’ são os primeiros significantes que nos designam, logo que chegamos ao mundo, antes de qualquer possibilidade de escolha ou mesmo

de desejo”. E prossegue (1998, p. 29): “(...) a inscrição dos sujeitos homens e mulheres, no discurso do Outro, não é rigidamente fixada (...) passa por modificações ao longo da história e com isso os lugares que a cultura confere aos sujeitos”. O próprio estatuto da Psicanálise buscou em seu ato inaugural criar esse espaço de fala, espaço esse nomeado por uma das pioneiras clientes de Freud de “talking-cure”. Portanto, é pela via da fala que as mudanças no espaço psicanalítico acontecem, na escuta de analisantes nas suas singularidades que, por sua vez, estão alicerçadas num lastro simbólico historicamente construído. Este também serve de base para a FD Teoria de gênero. Ora, construir um espaço de interlocução entre FD Psicanalista e FD Teoria de Gênero implica reconhecer o traço unidade do simbólico como constituinte das duas FDs: o aspecto singular da escuta (processo psicosssexual da construção subjetiva/gozo inconsciente) e o social (relação de poder patriarcal de gênero).

Consideramos enfim que as mudanças na relação do poder patriarcal de gênero acontecerão à medida que as mulheres forem assumindo “práticas falantes”, como possibilidade de abrir novos caminhos na história. Como diz Kehl (1996, p. 65):

Que tenhamos nós, mulheres, conquistado o *falo da fala*, preparando caminho para nossa própria existência,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

criando a possibilidade de inscrever no inconsciente da espécie, nem que seja daqui a duzentos anos, os signos de nossa subjetividade (...)"

REFERÊNCIAS

AMORÓS, C. (Dir.). **10 palavras chave sobre mujer**. Pamplona: Verbo Divino, 1995.

BERNARDES, A. C. **Aí estamos...** XXII Encontro Brasileiro: encontrobrasileiro2018.com.br-aí-estamos-2/encontro/textos-de-orientação, Rio de Janeiro, 2018.

BROUSSE, M. H. XXII Encontro Brasileiro: encontrobrasileiro2018.com.br/marie-helene-brousse-a-queda-do-falocentrismo. Rio de Janeiro, 2018.

CARVALHO, R. <https://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2018/08>
<https://gazetaweb.globo.com.portal/noticia/2018/07>

CASTELS, M. **O poder da identidade: da trilogia à era da informação. Economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v. 2, t. 2. pp. 169-285.

CHEMAMA, R. (Org.). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA/CNJ (Estudo do) – <https://www.diariodeopoder.com.br/>

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E

TECNOLÓGICO/CNPq E MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES/MCTIC.

<https://www.geledes.org.br/cnpq-publica- edital-para-incentivar-meninas-na-carreira-de-ciencias-exatas>

D'EAUBONNE, F. **As mulheres antes do patriarcado**. Lisboa: Veja, 1977.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

FAPOL (Federação Americana de Psicanálise de Orientação Lacaniana) – Observatório “A Violência e as Mulheres na América Latina”. www.observatorioviolencia.com.br
<http://observatorioviolencia.com.br>

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREUD, S. **Totem e tabu**. In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Stachey, trad., Vol. XIII, pp. 20-191). Rio de Janeiro: Imago. 1980. (Trabalho original publicado em 1913).

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Campinas: Unicamp, 1992.

JERUSALINSKY, A. **O Declínio do Império Patriarcal**. Seminário V, SP: USP/Lugar de Vida, 2013.

KEHL, M. Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

_____. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

LACAN, J. J. **O Seminário: Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1990 (Trabalho publicado em 1964).

_____. **Escritos.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

LIMA, Nadia R. L de B. **Quando as meninas não contam: gênero e ensino da matemática.** Maceió: Viva Editora, 2013.

Mc GRAINE, S. B. **Mulheres que ganharam o Prêmio Nobel em ciências, suas vidas, lutas e notáveis descobertas.** São Paulo: Marco Zero, 1994.

MARX, K. & Engels, F. **A Ideologia Alemã.** Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, s/d.

MILLER, J. – A. **A quarta capa de: Lacan, J. O Seminário Livro VI – O desejo e sua interpretação, 2013.** cit. por BERNARDES, A.C., 2018.

MITCHEL, J. **Psicanálise e Feminismo: Freud, Reich, Laing e a Mulher.** Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

MONEY, J. **Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings.** Baltimore Bull: John Hopkins Hospital, 1955.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis: Vozes, 1996.

PATMAN, C. **The sexual contract.** Stanford: Stanford University Press, 1988.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Pontes, 1988.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. K .T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: UNICAMP, 1993.

PLANALTO. GOV/<https://bit.ly/2mmq8jB> . www.planalto.gov.br

PULEO, A. H. Patriarcado. In: AMORÓS, C. (Dir.). op. cit.

SAFFIOTI, H. I. B. **Ontogênese e filogênese: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra as mulheres.** São Paulo: FAPESP, 1992.

SARMENTO, G.; CAVALCANTI, Stela (Coord.). **Violência doméstica e assédio moral contra as mulheres.** Maceió: Edufal, 2009.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 5-22, Jul./dez. 1995.

SOARES, D. <http://www.diariodopoder.com.br/>

STOLLER, R. **Sex and Gender.** Vol. 1, New York: Science House, 1968.

XAVIER, E. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino.** Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998.